FLORESTAMENTO – DESENRAIZAMENTO: A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM NOS PAMPAS E A IDENTIDADE DO GAÚCHO*

*Angélica Kohls Schwanz***

A presente pesquisa teve como objetivo estudar as transformações ocorridas na paisagem do Pampa Gaúcho desde a intensificação do plantio de eucaliptos para a extração de celulose e a implicação dessas transformações na constituição da identidade do gaúcho. A partir da importância do meio em que vivemos e da memória individual ou de grupo, procurei estudar a forma como mudanças aceleradas na conformação de uma paisagem podem afetar a constituição das memórias e conseqüentemente, a construção das identidades.

Desde o início do século XX, o Pampa riograndense tem sofrido transformações decorrentes da industrialização, da decadência da pecuária e da introdução das lavouras de arroz. Essas mudanças, porém, pouco modificou a paisagem, pois se fizeram lentamente. Porém, a partir do ano de 2004, essas transformações se intensificaram com o plantio de árvores exóticas – eucalipto e acácia – para a extração de celulose. Portanto, o ano de 2004 constitui o marco inicial desta pesquisa que se estendeu até o ano de 2009, quando houve diminuição no ritmo de plantio. O recorte espacial foi dado pelo tempo de plantio das papelerias na denominada “Metade Sul”, região composta por municípios que outrora se constituíam em sua maioria em campos de pastagem de gado e tiveram um plantio de árvores anterior aos demais municípios que possuem estas características. Assim, a área definida compreendeu um polígono formado por 17 municípios limitados por: Jaguarão – ao Sul; Rio Grande – a Leste; Bagé – a Oeste e Canguçu – ao Norte.

Para o estudo da construção da identidade do gaúcho, associada a uma dada paisagem, utilizei como fonte a literatura regionalista dos escritores João Simões Lopes Neto, Érico Veríssimo, Apolinário Porto Alegre, Barbosa Lessa, José de Alencar, Cyro Martins e Vitor Ramil. Também me vali de relatos de viajantes como August de Saint-Hilaire,

* Texto recebido em 25/05/2011. Aprovado em 30/05/2011.

** Mestre em História pelo PPH/UEM, Maringá/PR, sob a orientação da Profa. Dra. Sílvia H. Zanirato.

que discorrem sobre o modo de ser gaúcho e o associam à paisagem do Pampa. Pude assim verificar como essa representação literária se aproxima do discurso historiográfico e do discurso oficial e constatee a associação entre homem e meio e a formação da(s) identidade(s).

Para observar as transformações na paisagem, utilizei como fonte imagens fotográficas da área em questão, que permitiram constatar a rápida transfiguração do Pampa em “floresta”. São imagens colhidas em diferentes situações e oportunidades, que, num cruzamento de tempo, ajudaram a perceber as transformações processadas na região em foco.

Para analisar os efeitos da mudança de paisagem no cotidiano e no modo de ser da população que reside no local, utilizei o método de entrevistas em história oral. O trabalho com relatos orais evidenciou aspectos importantes da relação do morador com o lugar onde vive, como pessoas que possuem forte vínculo com o campo. Para esse trabalho, procurei não direcionar as entrevistas a um único grupo representativo do gaúcho, já que considerei a multiplicidade na constituição cultural riograndense. Minha familiarização com o objeto de estudo foi extremamente relevante para que fossem construídos, entre entrevistado e entrevistador, laços afetivos que permitissem ao entrevistado se sentir à vontade, a ponto de ser espontâneo e ao entrevistador compreender as representações presentes no relato.

Pela complexidade dos assuntos tratados, a Dissertação foi organizada em duas partes subdivididas em capítulos. Na primeira parte, “Referenciais teóricos e caracterização da área”, apresentei as discussões teóricas pertinentes, assim como a caracterização física da área em estudo. Essa parte está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo “Identidade e Paisagem”, apresentei a fundamentação conceitual para o entendimento de questões centrais desta pesquisa, quais sejam identidade e paisagem e pude concluir que a paisagem não existe por si só, mas na sua interação com o homem e pelo seu olhar, portanto uma construção cultural que apresenta elementos de várias épocas, que em conjunto contribuem para o processo de identificação. Deste modo, alterações na paisagem podem causar alterações no processo de identificação.

No segundo capítulo “Caracterização da área - A paisagem do Pampa e a identidade do gaúcho”, apresentei a caracterização física da área em estudo - o Pampa riograndense - e discuti a construção da identidade do gaúcho, considerando que sua figura e conseqüentemente a identidade a ele associada está intimamente ligada a essa região específica do Estado, a metade Sul do Rio Grande do Sul. Concluí que a

paisagem do Pampa com suas especificidades sócio-ambientais e culturais é portadora de significados que lhe conferem um caráter singular, se constituindo assim em um bem que deva ser valorado e salvaguardado para as gerações futuras.

Foi preciso então apreender de que forma se deu essa relação no Pampa riograndense e desde aí compreender o significado da paisagem para o gaúcho, assim como as consequências da sua rápida transformação frente às monoculturas de eucaliptos.

Assim, no terceiro capítulo, “Memória e literatura: Representações do gaúcho e da paisagem do Pampa”, apresentei primeiramente as questões relativas à constituição da memória coletiva e sua relação com a permanência dos mitos. Em seguida, discuti como o mito do gaúcho se manteve, em parte por meio da literatura e analisei a produção literária no Rio Grande do Sul em finais do século XIX e início do século XX, que se caracteriza pela representação do gaúcho e do espaço por ele habitado. Ao cruzar as fontes literárias e históricas, pude constatar que o processo de formação da identidade do gaúcho tem profunda relação com a paisagem de campos a perder de vista. Pois essa paisagem tanto foi transformada pela cultura do gaúcho como contribuiu para a formação dessa cultura.

Já na segunda parte do trabalho “As monoculturas e a transfiguração da paisagem”, discuti a transformação da paisagem e suas implicações. Essa parte foi dividida em dois capítulos. Em “A implantação das monoculturas de árvores exóticas no Pampa riograndense: Um patrimônio ameaçado”, discuti a paisagem como Patrimônio Cultural. Em seguida, apresentei o quadro da silvicultura no Brasil e Rio Grande do Sul, para compreender como se deu o processo de introdução de árvores exóticas no Estado e as possíveis implicações sobre o meio sócio-ambiental, enquanto constituintes da paisagem.

Pude constatar que os impactos ao meio ambiente são vários, entre eles a supressão de espécies animais e vegetais, como por exemplo, as aves; o aumento de algumas espécies de mamíferos, por terem mais locais para se abrigar, o que pode causar desequilíbrio ambiental. Aumento da população de javalis, espécie exótica, oriunda de áreas florestais, que foi introduzida pelo Uruguai (onde também é exótica) chegando até o Pampa riograndense. Além dos impactos ao ambiente natural, verifiquei também o descaso com o ambiente construído, onde destaco as construções antigas existentes dentro das fazendas da empresa papeleira, que estão abandonadas, aguardando a decisão por parte do

IPHAN do que será feito com esses bens. Constatei também que o êxodo rural é característico deste tipo de monocultura, pois a silvicultura possui exigência de mão-de-obra especializada e sazonal, além de substituir a atividade que ali existia.

Ao constatar que os elementos que constituem a paisagem do Pampa correm risco de desaparecer ou serem substituídos, procurei identificar o gaúcho e como ele age frente a essa situação, já que a modificação na paisagem implica em possíveis transformações na forma como se situa no mundo.

Assim, em “O espaço transfigurado - memória e imagem” por meio do trabalho de campo, da análise das imagens e dos relatos orais da população local, percebi que os elementos identificados no quarto capítulo, eram recorrentes nos relatos. Nessas recorrências, pude verificar que para o gaúcho, representado pelos padrões dos CTG's¹, que vive nas áreas urbanas, essa transformação não foi sentida da mesma maneira, o que interpretei como sendo resultado de uma falta da ligação com o campo. Para eles, a tradição cultuada dentro dos CTG's é forte o suficiente para resistir às mudanças da paisagem.

Já o gaúcho que vive da lida com o gado sentiu profundamente a transformação da paisagem de campos em “florestas”. Seus relatos fizeram transparecer essa preocupação que se traduziu primeiro em certa resistência, depois revolta e por fim conformação com a situação estabelecida, por não ter como lutar. Pela análise pude, então, concluir que o gaúcho que ainda vive no campo apresenta traços identitários comuns, guarda mais vínculos com o gaúcho de origem (mítico) e a transformação do seu meio parece ameaçar a sua permanência no campo e, conseqüentemente, a manutenção de alguns hábitos ligados à lida campeira.

Não compartilho da ideia de que a identidade do gaúcho é imutável, é única, até porque isso não é possível no momento que vivemos. E com base nisto acredito, a partir de Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini e Homi Bhaba, que o gaúcho é antes de tudo um sujeito que pertence a uma cultura híbrida, desde sua formação, em que as figuras do índio, do português, do espanhol e após italianos, alemães e outros europeus, constituíram esse sujeito. Considerando que o conceito de hibridismo pode incluir o de tradução, é o gaúcho um sujeito traduzido, que se adaptou ao que a natureza lhe ofereceu e conseguiu resistir até os dias atuais.

¹ Centro de Tradições Gaúchas; O padrão é a autoridade máxima dentro de um CTG.

Assim, o gaúcho como construção identitária não irá desaparecer, mas o gaúcho, homem do campo que traz na alma esse profundo apego à paisagem de campos, esse sim, esse está desaparecendo e levando consigo uma forma de viver muito específica dessa região.